



Primeira Edição <http://www.revistaexagium.com>

Le scepticisme de Montaigne

Julio Agnello P. Pattio

Mestrando pela UFOP, Ouro Preto, Brasil. ([julioagnello@gmail.com](mailto:julioagnello@gmail.com))

BRAHAMI, Frédéric. *Le scepticisme de Montaigne*. Paris: PUF, 1997. (125 pp)

A obra de Frédéric Brahami, *Le scepticisme de Montaigne*, objeto da análise que agora oferecemos, é positiva ao se colocar a tarefa de compreender a especificidade do ceticismo que se faz presente na obra *Ensaíos*, de Michel de Montaigne. Primordialmente o que verificamos na obra é a aposta de que se vale Brahami, ao articular ceticismo antigo e fideísmo, vendo esta articulação como uma das razões desta especificidade. Desta aposta surge, pois, uma nova interpretação que busca entender o pensamento de Montaigne, e em especial o seu ceticismo, sem relacioná-lo direta e constantemente com a tradição cética antiga, os acadêmicos e os pirrônicos.

Apesar de publicada há onze anos a importância das considerações do autor é indiscutível, o que pode ser visto sobretudo na constante referência feita em trabalhos posteriores a obra de Brahami, mesmo que apoiando-se em seus argumentos, ou apenas utilizando-os como objeto de crítica. Esta importância nos guiou em direção ao breve estudo a que passaremos neste momento. O movimento de tal estudo será o de atravessar os quatro capítulos em que é dividida a obra, ao final do que redigiremos nossas considerações finais.

Como escreve o próprio Brahami logo na introdução da obra, um estudo do ceticismo montaigneano deve manter-se alerta para não afogar este ceticismo junto da enorme quantidade de referências a esta tradição filosófica, que são feitas ao longo dos *Ensaíos*, seja na figura de Cícero, Sexto Empírico ou ainda Agostinho. Para tal faz-se necessário indagarmos os

textos de Montaigne cuja marca torna-os explicitamente céticos, sua escolha é pelo décimo segundo ensaio do livro dois, *Apologia de Raymond Sebond*, e seus motivos para isso desdobram-se em dois. Em primeiro lugar é na *Apologia* onde Montaigne revê com detalhes o ceticismo antigo, em segundo lugar é neste texto onde vemos emergir mais explicitamente a relação entre fé e razão, que segundo Brahami é a discussão de onde irá decorrer a originalidade do ceticismo montaigneano.

Justificada a escolha pela *Apologia* Brahami parte em seguida para um caminho que irá se colocar além da escritura deste ensaio, coloca-se a delinear a fonte primeira da *Apologia* montaigneana, a obra *Livro das Criaturas* ou *Theologia Naturalis*, tendo como objetivo entender o posicionamento de seu autor, o teólogo catalão Raymond Sebond. Este será o objetivo de seu primeiro capítulo, *L'humanisme optimiste de Sebond*.

O retrato oferecido de Sebond é o de um pensador otimista, seu otimismo pode ser visto em sua tentativa de salvar o cristianismo da decadência que este atravessava nos fins da Idade Média. O objetivo perseguido em sua *Theologia Naturalis* concentra-se em oferecer uma explicação da verdade cristã a partir de meios puramente humanos, através de instrumentos racionais. Para o teólogo catalão Deus ofereceu aos homens dois grandes livros, nos quais poder-se-ia ler a verdade acerca dos atributos divinos, o livro da natureza e o livro sagrado. O homem, no entanto, após a queda tornou-se dependente da graça divina para compreender as Escrituras, o que, ainda segundo Sebond, acabaria por conduzi-lo naturalmente em direção à leitura do livro da natureza. Ainda, este livro, à disposição de todos os homens apresenta-se, em relação às Escrituras, como sendo muito mais seguro de ser interpretado, autorizando sua leitura através da razão natural, que deveria buscar no mundo as marcas que remetam o homem à Deus. A razão torna-se então o critério da fé uma vez que Sebond postula uma concordância exata entre os dois livros, conclusões que são tiradas da leitura de um deles devem, pois, ser estendidas aos outro.

Por esta convicção sebondiana, de que a razão é capaz, por analogia, de penetrar nos mistérios divinos Brahami lhe apregoa o título de um racionalista otimista, e tira disto uma discordância entre as considerações de Sebond e a doutrina cristã. O teólogo ao tentar salvaguardar o cristianismo dos não crentes, oferecendo a estes a possibilidade de com sua razão deduzirem os mistérios de Deus acaba por atingir uma *dissolução da fé*, nas palavras de Brahami. Tal dissolução acaba por associar a obra sebondiana também a um naturalismo, pois dela decorre

que a fé perde todo e qualquer caráter de sobrenaturalidade, a religião coloca-se como o meio de que o homem dispõe, depois da queda, para recuperar a sua verdadeira natureza.

Por último, Brahami enxerga na obra de Sebond um pragmatismo, uma vez que o útil resolve-se como critério de verdade. O importante aqui é reter que a conclusão de Brahami acerca do ceticismo montaigneano irá se desdobrar a partir de sua interpretação da obra do teólogo catalão, visto que na *Apologia* é onde Montaigne firma o seu ceticismo, em contraposição às considerações de Sebond. A conclusão de Brahami acerca do pensamento de Sebond define o andamento posterior de seu texto, “*Com efeito, a leitura da Apologia revela que a antropologia de Montaigne é irracionalista, que sua teologia é centrada sobre a graça e o caráter sobrenatural da fé, e que sua teoria do conhecimento é um contra-pragmatismo.*”(p. 28, a tradução é sempre nossa)

Definidas as posições de Sebond o objetivo de Brahami segue o seu curso, partindo para analisar como Montaigne acaba por situar-se no outro extremo com relação ao teólogo catalão. A antropologia de Montaigne é identificada, pois, com um irracionalismo. Para Brahami a razão é, na *Apologia*, esvaziada de qualquer conteúdo de verdade, torna-se uma ‘figura da fantasia’. Deste modo a verdade religiosa deve permanecer exclusivamente a cargo da fé, única capaz de formar um discurso que se pretenda à verdade, não esquecendo-se o homem da crucial importância da graça para tal acesso. Assim, o pirronismo, como Montaigne declara na *Apologia* define-se como a melhor preparação evangélica; a tradição pirrônica, no entanto, é reinscrita tendo em vista a doutrina cristã, o que contribuirá para a formulação de um ceticismo em mais de um ponto diferente daquele pensado pelos antigos, inaugurado por Montaigne. As escolas céticas da antiguidade afirmavam que nada pode o homem conhecer, que não há algo a que este possa denominar de verdade. Montaigne, em contrapartida, através da inflexão operada pelo seu fideísmo, postula a verdade, retirando-a, entretanto, do alcance humano para alojá-la no seio divino, o homem tornando-se eternamente dependente da graça divina, do raio de divindade, para atingir qualquer conhecimento dotado de certeza.

O pensador gascão veria na obra de Sebond a utilidade de servir como porta de entrada na espiritualidade, isto por direcionar o homem no caminho divino, como um acompanhamento intelectual, o qual não deve ser pensado sem a presença da fé. E o pirronismo estabelece-se, conforme já dito, como a melhor preparação evangélica, isto por ser capaz de esvaziar a alma humana de toda vaidade e presunção, tornando o homem apto a receber a verdade

divina. O que já nos conduz ao terceiro capítulo da obra de Brahami, *Un nouveau scepticisme*, cujo objetivo é compreender este ceticismo que surge de maneira particular com Montaigne.

A finalidade cética é reformulada por Montaigne, que no lugar antes ocupado pela *ataraxia* cética, consequência da suspensão do juízo, coloca em seu lugar a verdade divina e o amor a Deus. Ainda, dois pressupostos básicos do pirronismo, a necessidade de uma instância estável (a balança) que pudesse ponderar acerca das representações, e de fenômenos dotados, eles também, de alguma estabilidade, o que de acordo com Brahami não pode ser encontrado em Montaigne, visto sua concepção da alma enquanto um fluxo, uma vez que esta é vista, pois, como lugar da mobilidade, com o fluxo sujeitando seus pensamentos, os quais encontram-se aí sempre de passagem, “ *a alma é, ela mesma, corrente de pensamentos. Ela é inteiramente atravessada pela passagem de seus conteúdos, ou mais precisamente, ela é inseparável destes conteúdos.*” (p. 68) Isto, para Brahami, determinaria mais um passo de Montaigne na direção contrária à dos céticos antigos, para os quais a *isostenia* era um momento fundamental no caminho para a *epoche*; e mais, não haveria superioridade da razão sobre as opiniões que seriam colocadas em catálogo, sobre o qual seria exercida o exame.

Deste modo estabelece-se uma profunda ruptura entre teoria e prática, já que Montaigne não relaciona a razão com nenhum tipo de utilidade, do que Brahami deduz sua redução, no pensamento de Montaigne, ao instinto. A racionalidade humana não contribui para a vida, pois é incapaz de aceder a qualquer primado. O espírito passa de uma idéia para outra, aderindo como que por necessidade natural a algumas delas, nesta adesão não haveria nenhum tipo de inclinação dogmática, já que nela não está autorizada validade teórica alguma, sendo avessa a qualquer pertinência epistemológica. Daí a coerência em equivaler sábio e vulgo, já que ambos teriam o mesmo acesso à razão, com a singular diferença de que o sábio forja para si uma linguagem sofisticada, que esconde o fato de possuir os mesmos dados que os demais homens.

Brahami busca em Montaigne elementos que confirmem uma destruição do conceito de natureza, tal esforço o conduz ao nominalismo do filósofo gascão, que como pretende Brahami, é decorrente de seu ceticismo. Não haveria semelhança entre as coisas, o indivíduo é ele mesmo uma coleção aleatória de diversas experiências, de múltiplas quimeras, o que destrói a idéia de natureza como ordem regular. O que tem toda a validade e é autorizado pelo texto montaigneano, entretanto, Brahami perde de vista um ponto de extrema importância, que terá fortes consequências no desenvolvimento dos *Ensaio*s, trata-se do papel fundamental da escrita

no interior deste pensamento. É a escrita que permite a Montaigne conferir certa ordem a suas quimeras, através do processo de redação torna capaz um registro da passagem, pois, se pouca coisa permanece fixa na alma, a escrita recebe a tarefa de conter, o quanto possível, este fluxo. Ainda, escrever permite a Montaigne o distanciamento necessário para avaliar e julgar estes pensamentos, seu livro torna-se, em certa medida, esta instância com alguma estabilidade.

Por último, o derradeiro capítulo de sua obra, *Un scepticisme fécond*, busca determinar como este ceticismo particular nascido em Montaigne espalha-se para outros temas dos *Ensaaios*. Seja ao oferecer a desconfiança com relação aos médicos, seja ao oferecer os elementos necessários para refutar a idéia dos universais. Entra em cena o ensaio *Da experiência*, onde a discussão do ceticismo montaigneano é ampliada, visto aqui como uma crítica ao dogmatismo exercido pelos médicos, que na sua busca por saúde acabam impondo uma regra ordenadora ao contínuo movimento da vida.

A obra de Brahami, em suas poucas páginas oferece uma original concepção de um ceticismo que é também pensado como original. Obra erudita e densa, que mesmo não atentando para alguns pontos, como citamos acima, retém o mérito de oferecer um movimento próprio ao pensamento montaigneano, um dos fatores que fazem com que *Le scepticisme de Montaigne* permaneça um clássico.